

BION: UMA TEORIA SOBRE A MENTE

Maria Emília Lino da Silva*

RESUMO

Bion concebeu o "aparelho para pensar" basicamente como um continente relacionando-se com seus contidos através do mecanismo da identificação projetiva postulado por Melanie Klein. Nessa elaboração, os contidos, naturalmente dispersos, integram-se em um sentido que chega à consciência como um fato selecionado entre os possíveis.

O artigo inclui ainda duas aplicações do modelo: a relação mãe-bebê e a relação entre o grupo e o "místico".

INTRODUÇÃO

Gostaria de começar abordando a especificidade de falar sobre Bion. Sua fama é de autor difícil: a linguagem que emprega é hermética, concisa; a explicação é incompleta. É como se estivesse a cada momento colocando-nos um problema, questionando-nos a visão e instrumentos, alertando que a realidade é viva e seu dinamismo escapa às modalidades usuais de apreensão, até hoje especializadas mais no conhecimento do inanimado, pouco aptas, portanto, a captar o fenômeno da vida. Acontece que este é o nosso objeto, enquanto psicanalistas: aquele movimento tão dinâmico que escapa às classificações, nomes e cristalizações a que a mente consciente tem de reduzir para poder operar, cada experiência em que se vê envolvida, e que recebe o nome de inconsciente.

(*) Professora de Pós-Graduação – PUCCAMP – PUCSP.

Por isso, ele escreve textos para serem lidos, mas não lembrados, isto é, imobilizados numa compreensão. Envolve-os portanto em uma "penumbra de associações", como ele mesmo declara, a fim de que a idéia fugidia possa sempre nos excitar o pensamento, despertando nossas próprias associações, nossa própria visão do tema.

De modo que falar de Bion é estar consciente de que só se estará sendo fiel ao autor transformando-o, reformulando-o segundo as reverberações que provoca no inconsciente — e estando ciente disso. "Mas sempre é assim", poderão me dizer. De fato, a percepção é sempre criativa, quer se trate de um texto ou de um objeto, de modo que não há como apreender, como entender, a não ser pela re-significação, pela inserção do percebido no contexto da rede de significados que determina cada percepção. Mas a consciência desse fato nem sempre está presente, quer no leitor, quer no escritor.

É assim que vemos, por exemplo, autores diferentes lendo coisas diferentes em Freud e proclamando que a sua leitura é a correta. Com os escritos de Bion a dificuldade é oposta: esta-se permanentemente em dúvida. De modo que o ato de lê-lo é doloroso, pela insegurança, pelo esforço renovado que não acalma a mente dizendo: agora sim, entendi, é isso que ele disse.

Propicia-nos, ao invés, um outro tipo de prazer, muito gratificante, em primeira pessoa, e não em terceira. A satisfação de, após debater-se com um conceito aparentemente incompreensível, talvez louco, descobrir que ah! isso é exatamente o que acontece com aquele meu paciente que... Ou então: ah! mas era isso que eu queria dizer dizer pro meu analista (ou que ele tentava me dizer), etc. E o entendimento do conceito deixa de ser uma aquisição intelectual para ser uma experiência, o que foi quase forçado pela linguagem do texto. Não quero dizer que isto não possa ocorrer com Freud ou Machado de Assis, mas que, em Bion, este aspecto é explícito, intencional e determinada sua linguagem. Desejo, então, deixar bem claro que esta apresentação toma a forma de um convite para ir à fonte, para cotejar minha versão do que ele disse com o que está em seus escritos.

Quero dizer ainda da preocupação formal, metodológica, deste autor, quanto a psicanálise. Ao invés de

novas explicações e teorias, ambicionava contribuir ajudando-a a superar o atual estágio, baseado em modelos narrativos, eivados de elementos sensórios, para um nível mais abstrato e articulável. Compara esta passagem àquela da escrita, indo dos hieróglifos para o alfabeto.

A escrita hieroglífica pertence ao tipo ideográfico, em que se dá grande ênfase à diferenciação dos significados. Em termos de representação mental, corresponderia ao estabelecimento de mitos, em que diferentes vivências tornam-se pensáveis através de personificações ou enredos: O dilúvio, Narciso, Deus constituem exemplos sobejamente conhecidos.

Já a escrita alfabética caracteriza um nível de abstração e funcionalidade em que as relações observadas nos objetos são abstraídas e aprisionadas num conceito ou nome, desviando então o foco da atenção para a diferenciação dos significantes. Em termos de representação mental podemos ter presente a idéia de triângulo, a teoria da relatividade ou o conceito de inconsciente.

Tais estratificações não são, naturalmente, excludentes, conservando, ao contrário, elementos uma da outra, embora a caracterização global permita distingui-las como aspectos ou estágios diferenciados. No terreno psicanalítico, esta postura deixa de se ocupar, p. ex, com questões como o delineamento de quadros clínicos e diagnósticos diferenciais, para buscar grandes modelos gerais que poderiam abranger vários mecanismos mentais independentemente do quadro em que se apresentem. A vantagem do estabelecimento destes "elementos da psicanálise" estaria em reduzir o número de teorias necessárias para a atividade psicanalítica, ao mesmo tempo em que a tornaria mais livre, flexível e, portanto, mais sensível.

Nesta direção, os conceitos que apresenta não procuram fornecer novas explicações, porém reduzir ao que ele considera essencial os conceitos que julga básicos em Freud, em Melanie Klein e na própria experiência. Para fugir às cristalizações de concepções já consagradas, procura em outros campos, especialmente na biologia e na matemática, os processos, conceitos e imagens que possam sugerir e inspirar o psicanalista.

Seu ponto de vista ao encarar o psiquismo ampliou a capacidade analítica no atendimento aos casos mais graves, notadamente aos psicóticos.

Aplicando à teoria Kleiniana e à experiência clínica com esquizofrênicos seus conhecimentos em geometria, concluiu que o mundo interno descrito por Malaine Klein constituía-se como um espaço tridimensional povoado por objetos possuindo igualmente três dimensões. Acontece que o processo para se chegar a esse efeito de perspectiva, assim como suas conseqüências, acarretam um tipo de dor que se enquadra na conceituação de posição depressiva. Tal dor revela-se impossível de suportar para o psicótico, levando-o a distúrbios de pensamento tão graves e intensos que não lhe permitem estruturar um espaço mental nem objetos, nem sequer projetar pedaços deles, quer por falta de espaço, quer por falta de algo, que os contenha.

A representação tridimensional não serve, portanto, para compreender seu espaço mental sem limites ou dimensões e também sem os instrumentos básicos para construí-lo.

Desse modo, a psique descrita por Melaine Klein já se apresenta como uma importante aquisição, mesmo no estágio mais primitivo e caótico — a posição esquizoparanóide. Relatando o que ocorre na ausência dessas construções primordiais, Bion oferece uma nova e mais ampla compreensão, da qual destacamos o esquema de mente que se considera usual e que recebe o nome de modelo continente-contido.

1. O MODELO

Consideremos, dentro desta ótica, o modelo continente-contido. Suas raízes encontram-se, a meu ver, naquele modelo freudiano de um aparelho mental às voltas com questões econômicas quanto à energia que contém. Ou nas recomendações técnicas quanto a uma postura de receptividade e atenção flutuante em relação às comunicações do analisando, ao invés de uma atitude mais diretiva, de juiz ou pedagogo.

Melanie Klein abordou esta questão de um modo muito pessoal, descrevendo fantasias em relação à própria mente

como constituindo um mundo interno povoado de objetos que se relacionam entre si e com o paciente.

Para se referir ao mesmo tempo a essas duas teorias e a outras ainda não formuladas, Bion criou o conceito de continente-contido e uma notação que o representa: ♀ e ♂. O fato de usar os signos já consagrados na biologia para fêmea e macho integra a "penumbra de associações" que pretende despertar em relação ao conceito, mas sem restringir-lhe as outras possibilidades.

Trata-se de um modelo dialético em que continente e contido são definidos um em oposição ao outro, considerando o movimento mental — ou relação — entre eles, determinado por suas próprias contradições. Isto permite repensar velhas questões sob um novo ângulo. A angústia associada à VORACIDADE, p. ex., ligada à preocupação pelo objeto, pode ser percebida como uma aflitiva sensação de INCONTINÊNCIA na qual os contidos se escoariam vertiginosamente, sem que se possa segurá-los, controlá-los.

O vínculo dinâmico entre ♀ e ♂ acompanha o observado na mente, sendo suscetível às transformações que ocorrem tanto num como no outro ou na relação entre ambos.

A idéia de transformação é vital, mostrando que os dois elementos da dupla podem se modificar através do vínculo entre eles. Não se trata, pois, de uma simples relação mecânica, de conter algo ou estar contido em, mas de uma ligação viva interatuante. Conforme suas próprias palavras:

"O ♀ e o ♂ são suscetíveis de ser unidos e impregnados pela emoção. Assim unidos ou impregnados, ou ambas as coisas, mudam de um modo geralmente descrito como crescimento. Quando estão separados ou despojados de emoção diminuem em sua vitalidade, quer dizer, aproximam-se aos objetos inanimados."¹

Crescimento mental, aqui, aparece, pois, como fruto de emoção, e esta é condição de vitalidade. Quando a natureza do vínculo é propícia, o ♀ pode crescer, ou o ♂, ou ambos. Mas a relação pode também ser destrutiva — quando predomina a inveja, por exemplo. De modo que importa conhecer a natureza da emoção em jogo, tanto quanto as do ♀ e do ♂.

(1) BION, W. R., *Aprendiendo de la experiência*, Buenos Aires: Paidós, 1975, p. 77.

“Porque somos como troncos de árvore na neve”, disse Kafka. “Aparentemente, estão apoiados apenas na superfície, e com um pequeno empurrão seriam deslocados. Não, é impossível, porque estão firmemente unidos à terra. Mas, atenção, também isto é pura aparência”.²

Devemos assim ter cuidado com a aplicação do modelo continente-contido. comentamos, por exemplo, que certa pessoa possui uma mente com tais e quais características. Podemos também dizer que a mente contém a personalidade, ou vice-versa. Atenção! também isto é pura aparência.

2. A RELAÇÃO MÃE-BEBÊ

A primeira realização do modelo continente-contido, isto é, a sua primeira manifestação na realidade, ou o primeiro comportamento observável que satisfaz a esta hipótese, é a relação entre a mãe e o bebê. Digo bebê, e não filho, por causa de uma censura fundamental nesta relação que importa para nosso tema e que desenvolverei à seguir.

É de conhecimento público que o filhote do ser humano nasce psicologicamente prematuro e que nos primeiros meses precisa da mãe — ou de quem exerça a sua função — não só para a sobrevivência física, mas também, de um modo muito especial, para a sua constituição como ser humano. Enquanto Laplanche, p. ex., afirma que a mãe, através de seus cuidados físicos, inscreve no filho a sexualidade humana, Bion diz que, no mesmo gesto, ela lhe transmite o pensar.

Aqui também vemos outro paralelismo — não superposição — com o pensamento de Freud. Este falava por vezes em **protofantasias**, que, segundo Laplanche e Pontalis,³ “como os mitos coletivos, pretendem contribuir com uma representação e uma ‘solução’ para aquilo que à criança se depara como enigma principal; dramatizam como momento de emergência, como origem de uma história, o que surge ao indivíduo como uma realidade de tal natureza que exige uma

(2) Kafka, F., **A colônia penal**, São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965, p. 48.

(3) Laplanche, J. Pontalis, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**, Lisboa: Moraes, 1970.

explicação, uma teoria". Citam o Homem dos Lobos, onde Freud diz: "Quando os acontecimentos se não adaptam ao esquema hereditário, sofrem na fantasia uma remodelação". Há, portanto, um esquema herdado de apreensão da realidade e este pode ser contrariado, levando a uma atividade mental que, por assim dizer, tenta corrigir, ou adaptar o esquema.

Bion fala em **protopensamentos**, isto é, em conteúdos mentais anteriores à capacidade de pensamento, afirmando mesmo que a pressão dos pensamentos é que leva à constituição de um aparelho para pensá-los, e não o contrário. Lembremo-nos, aqui, de que para Freud é a pressão das excitações que leva a mente a evoluir de um aparelho reflexo a um aparelho para pensar, como exposto no Cap. VII da interpretação dos Sonhos⁴: "...a princípio os esforços do aparelho dirigiam-se para manter-se, tanto quanto possível, livre dos estímulos; conseqüentemente, sua primeira estrutura acompanhava o plano de um aparelho reflexo, de maneira que qualquer excitação sensorial e chocar-se com ele podia ser prontamente descarregada ao longo de uma via motora. Mas as exigências da vida interferem com esta função simples e é a elas, também, que o aparelho deve seu impulso a novos desenvolvimentos".

Tais pensamentos, ou tais movimentos mentais primordiais, exigem não apenas quem os pense, mas também quem possa contê-los. O bebê não pode, age ainda como um aparelho reflexo, obedecendo ao princípio de inércia, ou seja, tendendo a se livrar de todo e qualquer estímulo, seja qual for — o que é extremamente perigoso, porque essa tendência, no limite, levaria à morte.

Felizmente para o bebê, a sua mãe, nesses primeiros tempos, encontra-se em um estado especial de mente, fruto de seu amor pelo filho e de sua capacidade para sonhar. Tal estado — a 'reverie' — permite à mãe colocar-se em sintonia com a mente primitiva do filho e acolher-lhe as emissões — especialmente expectativas não formuladas, inatas, de ser acolhido e de ter suas necessidades resolvidas. Ao acolher tais manifestações e, principalmente, ao dar-lhes um curso.

(4) Freud, S., Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, Rio de Janeiro: Imago, 5:602.

adequado, é como se a mãe funcionasse, para o lactante, como a mente capaz de continência que ele ainda não possui.

Em outros termos: há uma **expectativa**, por parte do bebê, embora ele nem se dê conta, de que suas necessidades possam ser satisfeitas, e estas incluem o cuidado de seus aspectos mentais que ele ainda ignora apesar de já incomodá-lo. Há uma capacidade materna, embora não necessariamente consciente em toda a sua extensão, de entender quando o bebê tem fome, está molhado ou querendo colo, mesmo que não fique claro se é por medo, solidão ou outro tipo de carência.

O fato é que alguém cuida desse ser incapaz de cuidar-se, e isso **significa**, para ele, esperança de vida. Cuidados concretos e significações, um filhote e exercício materno, constituem uma unidade do ponto de vista do bebê.

E assim, juntamente com o leite e com a digestão do leite, o bebê vai recebendo pensamentos, significados e elaborações que ele nem sequer pode sonhar que existam, e que no entanto o alimentam e o fortalecem. E assim como seu trato digestivo trabalha o leite recebido, vai se desenvolvendo um "sistema alimentar mental" que digere o amor que recebe. Vemos então que o amor é inseparável do leite, quer do ponto de vista de quem os doa como de quem os recebe.

Depois se aprende a separar cuidado material e cuidado psíquico, amor e pensamento, mas naqueles instantes inaugurais tudo ainda está fundido e a continuidade física entre mãe e filho constitui a parte visível de sua continuidade mental. Mas a cada dia, nas mamadas, nas trocas de fraldas, nos embalos, canções e "conversas", a mãe vai passando para o filho, o filho vai sugando da mãe, essa sabedoria do que fazer diante das necessidades da vida.

E sorrateiramente, como uma serpente, vai sendo introduzida a separação no paraíso. O bebê vai se fortalecendo, adquirindo capacidade de conter suas experiências, de estabelecer alguma forma muito primária de relações entre eles. Gradualmente a capacidade de conter os pensamentos e de elaborá-los, ou seja, o estabelecimento de um aparelho para pensar, vai sendo efetivado, de acordo com a capacidade da criança para tolerar frustrações.

Fatalmente acontece o dia em que não há mais como negar: o bebê já é proprietário de uma mente própria, embora ainda muito, muito rudimentar. Mas já é a sua mente, não é mais um apêndice da mente materna. E então uma dor intensa e sem remédio assinala a perda do paraíso, para sempre. Inaugura-se neste instante mítico a posição depressiva. O tempo de gestação psíquica terminou, a mente da criança desprende-se da mente da mãe num parto psíquico. Uma nova mãe, já não grávida, já sem 'rêverie', e um novo filho, individualizado, começam então o seu relacionamento.

Embora nítida, esta separação não é completa nem brusca. A simbiose inicial sempre manterá seus traços, a princípio quase intactos — mas este quase é fundamental — originando-se então um processo gradual e jamais completado de individuação.

Esses restos da casca do ovo — como dizia Hesse permitem o perigoso sonho da recuperação da unidade perdida: uma tentação para toda a vida. E as pessoas variam em seu grau de resistência a ela.

Uma vez iniciado, contudo, o pensar não mais se detém. E as duas tendências — a volta à Mãe e a abertura ao mundo e às idéias — confrontam-se por toda a vida.

Assim como antes a mãe trabalhava seus pensamentos pró-jetados nela, assim também a criança agora terá de elaborá-los, com seu próprio suor. Mas ficam ainda, herança valiosíssima, o amor e os cuidados, de modo que o desenvolvimento continua sua marcha, tão progressiva e naturalmente, que pode passar despercebido o parto psíquico. Mas até as pessoas de fora notam que aquele bebê sonolento agora já é uma pessoazinha, já participa da comunidade.

Dois momentos do desenvolvimento. A mente informe da criança expelindo seus contidos na mente da mãe, que os acolhe, elabora e devolve, e a mente imatura ainda, mas já suficientemente desenvolvida para poder conter os seus contidos, elaborá-los e articular novos pensamentos.

Tal complementariedade relativiza ambos os pólos da relação mãe-bebê: a falta de rêverie materna pode ser compensada pela tolerância à frustração do bebê, assim como

essa tolerância pode estar de tal modo deficitária que nenhuma rêverie seja suficiente.

Duas aplicações do modelo continente-contido. A mãe que "contém" os conteúdos do filho, exteriores à sua própria mente — o que só se torna possível pela presença de 'rêverie'. E a pessoa separada — a mãe, o bebê mais maduro — dotada de uma mente capaz de trabalhar os próprios pensamentos.

Ambos os casos interessam à prática analítica, quer possam auxiliar o analista a entender o que se passa entre ele e seu paciente, ou a pensar a qualidade de sua própria escuta, quer como um modelo de avaliação da relação do paciente com seus próprios contidos.

Por isso digo contido, e não conteúdo — muito há contido na mente embora sem conteúdo, isto é, sem significado, o que pode requerer particularmente a atenção flutuante, plena de 'rêverie', por serem expelidos como atuações, sem elaboração mental, num clima de sonho, onde o analista é forçado a receber a comunicação do paciente quase como uma invasão em sua mente, para aí ser digerida, uma vez que o paciente não tem como fazê-lo.

Não basta que a mãe (ou o analista) possuam capacidade de rêverie. É preciso que o bebê (ou o paciente) também a possuam, embora de forma latente — ou, na linguagem de Bion, como uma pré-concepção — para que tal capacidade possa ser ativada pelo contato com a rêverie-continente. Tanto assim que a primeira manifestação dessa função se traduz pela articulação dos pensamentos oníricos.

De modo que o sonho aparece como a base de nossa atividade mental, cujo desenvolvimento, sob este prisma, consistiria em se tornar cada vez mais próximo da realidade e do consenso, sem jamais perder a ligação com o sonho e a identificação projetiva — suas primeiras e estruturantes realizações.

3. O GRUPO E O MÍSTICO

Ainda outra aplicação do modelo continente-contido que pode ser bastante fértil encontra-se na relação entre um grupo e seus componentes. Aqui o modelo se torna particularmente interessante quando aplicado de uma forma reversível. Temos assim, de um lado, o grupo contendo o indivíduo que o integra, que faz parte dele. Temos também, no entanto, o grupo contido na mente da pessoa que, integrando-o ou não, reflete sobre ele, ou simplesmente o percebe.

O grupo, enquanto tal, apresenta uma atividade mental que lhe é própria e diferente do conjunto de seus elementos. Não pode, entretanto, manifestar-se, senão através deles. Por isso, conforme se modifique a dinâmica grupal, sucedem-se os líderes, ou seja, a pessoa que melhor conduz o conjunto das ações para a realização do objetivo comum, consciente ou não.

Acontece que o grupo, como organismo vivo, se consegue uma certa duração e consistência, passa a necessitar não só de que seus objetivos sejam atingidos, mas também de desenvolvimento. Assim como a consecução de um objetivo demanda um líder compatível, assim também a necessidade de crescimento requer um indivíduo adequado. Esse nem sempre lidera o grupo, podendo mesmo ser perseguido por ele. Isso não muda o fato de que é nele que repousa a possibilidade de crescimento.

A pessoa certa para levar o grupo a crescer é alguém que, pertencendo a ele, não se lhe ajusta de modo completo, e se destaca. Esse indivíduo excepcional pode ser chamado de várias formas — gênio, messias, místico; pode ser um cientista ou um artista. Bion prefere chamá-lo místico — mantendo em associação todas estas possibilidades — para enfatizar seu relacionamento particular com o movimento mental do grupo.

Creio que descarta o termo Gênio, por exemplo, por sua facilidade em sugerir uma capacidade superior que, embora possa existir, focaliza a atenção no indivíduo que a possui, deixando fora de visão o grupo onde se insere. Messias, por sua vez, evoca a idéia de predestinação, e Herói possui uma forte associação com a ação concreta.

A vantagem do termo "místico", segundo me parece, está na sugestão de uma atividade mental intuitiva, numa ligação quase direta com realidades de ordem superior — e o grupo é de uma ordem superior ao indivíduo. Um talento especial o habilita a captar movimentos sutis do grupo, levando-o a intuir possíveis linhas de desenvolvimento. Uma série de fatores determina-lhe a probabilidade de sucesso, em especial a sua própria capacidade de traduzir a intuição numa linguagem adequada ao grupo, e a capacidade do grupo em adotar o caminho apontado. Do interjogo dessas potencialidades resultará uma reação do grupo ao místico, que poderá ser de acolhida e desenvolvimento, mas também de rechaço ou de indiferença.

Sob esta ótica, Bion faz uma interessante leitura do mito de Édipo, focalizando-lhe a persistência na busca do conhecimento apesar dos obstáculos que encontra nesse caminho. Diz ele: "Édipo representa o triunfo de sua decidida curiosidade sobre a intimidação, e pode ser usado como um símbolo da integridade científica — instrumento de investigação".⁵

O que desperta a simpatia solidária em sua história é a arrogante determinação em se assenhorear do próprio destino, escapando às manipulações misteriosas dos deuses e seus oráculos. E é justamente no caminho entre Corinto e Tebas — entre a rejeição da profecia e o cumprimento de seu destino — que encontra a Esfinge. Curiosamente, o perigo fatal que esta representa se expressa sob uma forma nitidamente intelectual: um enigma, uma questão teórica a ser resolvida.

O que estaria simbolizado por esta figura? Segundo Bion, "o enigma tradicionalmente atribuído à Esfinge é uma expressão da curiosidade do homem dirigida a si mesmo".⁶ Ao salvar a própria pele acertando a resposta, o trágico herói liberta todos os outros transeuntes da mesma estrada, encarnando à perfeição o conceito bioniano de místico.

Poderíamos aqui extrapolar, vendo em Édipo o místico Freud que desvenda o problema proposto pelo

(5) Bion, W. R., *Elementos de psicanálise*, Buenos Aires: Hormé, 1966, p. 74.

(6) Bion, W. R., *Elementos de psicanálise*, Buenos Aires: Hormé, 1966, p. 71

inconsciente-esfinge empenhando-se em combate aos fantasmas que perseguem desde dentro. Vendo nele, inclusive, a própria psicanálise, em sua origem um investigador obstinado e invasivo, que acaba por se despojar voluntariamente do próprio olhar para se colocar na retaguarda, deixando-se conduzir pelo olhar do outro, pelo desejo do outro.

Mas a relação entre o investigador e a sua charada apresenta-se, na verdade, com uma estrutura triangular. O terceiro elemento é a resistência às conseqüências da descoberta, personificado no mito por Tirésias que, segundo Bion, "representa a hipótese, que se sabe falsa, que se mantém para que atue como barreira contra a ansiedade antecipada como uma concomitante de qualquer hipótese ou teoria que possa ocupar seu lugar".⁷

Pois, no grupo como na personalidade, manter o conhecimento, embora questionável, pode parecer mais seguro que buscar a verdade. E então, na análise, tratamos muito tempo de Tirésias para que Édipo possa se analisar.

De qualquer modo, o que caracteriza o místico assim definido é o fato de ele ser o portador da **idéia nova** a idéia revolucionária que abrirá novas perspectivas. Essas poderão trazer conseqüências mais ou menos drásticas; daí serem consideradas mais ou menos perigosas pelo grupo. No caso de serem muito radicais para a capacidade de crescimento do grupo, poderão ser combatidas e o místico expulso.

Curiosamente, entretanto, o modo mais eficiente de combater um místico não costuma estar em sua crucificação — o que pode ter o efeito indigesto de perpetuar suas idéias — mas promovê-lo e cobri-lo de honras, de modo que ele não possa mais pensar, sufocado, p. ex., pela burocracia de seu alto posto...

A capacidade do místico em captar qual a idéia nova que o grupo gesta sem perceber, sua habilidade em colocá-la em linguagem acessível aos corações e mentes de seus pares, a sensibilidade em diagnosticar a maturidade do grupo para trilhar os novos caminhos — tudo isso não nos lembra a 'rêverie' da mãe ao adivinhar as necessidades do filhinho? ou a continência necessária ao analista para uma escuta adequada?

(7) Bion, op. cit., p. 73.

As peculiaridades específicas de cada situação merecem tratamento individualizado. É vantajoso, contudo, deixar que da proximidade dessas concepções emergja uma abstração que as englobe a todas: a relação de continente e contido.

4. O APARELHO PARA PENSAR

O modelo do continente e do contido se refere ao aspecto estrutural da mente ao qual corresponde um mecanismo, também esquematizado, consistindo basicamente num movimento de inclusão ou exclusão, o que permite falar em coisas contidas ou não na mente. Ou, de outro ângulo, do que a psique retém ou expõe. Pode ser bastante útil para descrever não só a comunicação consciente entre pessoas, grupos e sociedades, mas também a comunicação inconsciente, não só entre pessoas como entre instâncias psíquicas de uma mesma pessoa. Para este segundo caso, ele se utiliza do que considera essencial no conceito Kleiniano de **identificação projetiva**, a saber, a crença onipotente na possibilidade de efetuar trocas de partes da personalidade.

O fato de se tratar de uma crença não significa que não seja efetiva, mas que não pertence ao que chamamos de realidade objetiva, porém a uma outra ordem de eventos, a realidade mental. Então o conceito de identificação projetiva torna-se muito útil ao se referir aos movimentos psíquicos, quer sejam internos ou em relação a outras pessoas, e caracterizaria o estágio mais primitivo do processo que, em seus estágios mais evoluídos, chamaremos de "pensar".

Uma descrição da funcionalidade do aparelho para pensar, assim descrito, é também diagramado a partir de dois conceitos, abstraídos o primeiro de Melanie Klein e o segundo do matemático Poincaré. A herança kleiniana, neste caso, consiste no que ele julga ser o essencial da passagem entre as posições esquizo-paranóide para a depressiva, a que Bion acrescenta: e vice-versa. Pois o "essencial", para ele, no caso, está na **dispersão** característica da posição esquizo-paranóide, com os sentimentos persecutórios que lhe são correlatos, o que

exige uma postura que ele chama de "paciência" e que, alcançada, permite chegar ao pólo oposto — a **integração** — que é considerado o "essencial" da posição depressiva, e se traduz, emocionalmente, como "segurança". Em suas próprias palavras:

"A 'paciência' deve ser retida sem 'tentativa irritável de alcançar fato e razão' até que um modelo 'evolua'. Esse estado é análogo ao que Melanie Klein chamou posição depressiva. Para esse estado uso o termo 'segurança'. Isso pretendo deixar com uma associação de segurança e ansiedade diminuída."⁸

Essa passagem deve se manter flexível em ambos os sentidos, pois a análise deve levar à síntese, mas não devemos nos fiar na segurança das sínteses e abstrações sem testá-las com novas análises, e assim sucessivamente.

A passagem do caos à síntese supõe suficiente tolerância à frustração para suportar a desintegração — e aqui é bom recordar que o conceito de tolerância é fundamental em Freud, especialmente na passagem do princípio do prazer para o da realidade. Bion aceita esta herança, mas a modifica para que os dois princípios possam operar simultaneamente, tornando-os portanto mais flexíveis e abrangentes.

O estado caótico, disperso, esquizo-paranóide, não é estático. Caso haja suficiente paciência para suportá-lo, emergirá um sentido em torno do qual os outros elementos, até então dispersos, se organizarão, dando origem à posição depressiva. Deste modo ambas as posições podem ser utilizadas para descrever cada situação mental em termos de problema e equação.

Na descrição dessa passagem é que reside, a meu ver, o aspecto dialético, uma vez que as contradições de uma situação mental são superadas por um movimento interno que se resolve por uma nova organização dos elementos, e assim sucessivamente.

O elemento organizador que dá coerência e sentido é chamado de fato selecionado, segundo Poincaré em sua clássica descrição da criação matemática.

(8) Bion, W. R., **Atenção e interpretação**, Rio de Janeiro: Imago, 1973, p. 136.

É interessante notar como a descrição do aspecto estrutural da mente — a relação $\varphi \sigma$ — inclui um aspecto dinâmico: a identificação projetiva. E a descrição do aspecto funcional — a passagem Ps-D — integra um elemento estrutural: o fato selecionado. Isto porque a unidade da psique não se pode quebrar nem mesmo nessa descrição esquemática, levando-o a afirmar que um pode exercer a função do outro.

Neste contexto convém retomar a idéia de como o pensar é levado a se constituir a partir da pressão dos pensamentos exigindo serem pensados, ou como o continente é constituído a partir dos contidos dispersos.

Também a personalidade pode ser assim encarada como resultado da atividade de criação da 'persona' a partir dos elementos disponíveis, até a construção de uma imagem mais ou menos estável e consistente que possa exercer a capacidade de continência e coerência aos aspectos da pessoa, tanto sob o seu próprio ponto de vista como para os olhares externos, apesar das diferenças decorrentes dos diversos ângulos de visão.

Furtar-se a esse trabalho traz como conseqüência ter de se conformar a uma máscara colocada desde fora, ou a um destino traçado pelos deuses, e não pelos próprios passos. Assumir um tal encargo, mesmo que não chegue ao trágico como para Édipo, costuma implicar bastante trabalho e mesmo dor. De todo modo, essa escolha está reservada aos que possuam suficiente capacidade de tolerância às frustrações.

ABSTRACT

Bion presented the "thinking machine" basically as a continent relating itself with its contained parts through a mechanism of projecting identification, postulated by Melanie Klein. In this elaboration, the contained parts, naturally dispersed, combine themselves into a whole in a sense that reaches the consciousness as a fact selected among the possibles ones.

Two applications of the model is also considered: the relation between the mother and the baby and the relation between the group and the "mistic".

BIBLIOGRAFIA

- BION, W. R., Elemento de Psicanálise, Buenos Aires: Hormé, 1966, p.71.
- BION, op. cit., p.73.
- BION, W. R., Elemento de Psicanálise, Buenos Aires: Hormé, 1966 p.74.
- BION, W. R., Atenção e interpretação, Rio de Janeiro: Imago, 1973, p.136.
- BION, W. R., Aprendiendo de la esperiência, Buenos Aires: Paidós, 1975. p.77.
- FREUD, S., Edição standard brasileira das obras psicológicas completas, Rio de Janeiro: Imago, 5: 602.
- KAFKA F., A colônia penal São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965, p.48.
- LAPLANCHE, J. PONTALIS, J. B., Vocabulário da Psicanálise, Lisboa: Moraes, 1970.